

# TRISTES TÓPICOS: ESBOÇOS PARA UMA HISTÓRIA DO ENTRISTECIMENTO MEDIEVAL<sup>1</sup>

## Sad topics: an outline for the history of medieval sadness

Gabriel Castanho  
Professor de História Medieval, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
ORCID: 0000-0002-5044-3518  
E-mail: gabriel.castanho@historia.ufrj.br

Recebido em: 26/08/2023  
Aprovado em: 22/04/2024

### Resumo:

Centrado no estudo do entristecimento medieval, o presente artigo visa à compreensão histórica da articulação entre emoção e sociedade. Para tanto, são apresentados conceitos e metodologias oriundos dos estudos históricos das emoções, bem como se realiza análise tópica e semântica de vastas bases de dados congregando importantes coleções de textos medievais redigidos por membros do clero. Tal abordagem, situada entre história das emoções, das práticas escritas, das relações sociais e as humanidades digitais, permite conhecer e delimitar a formação e a afirmação de um regime emotivo salvífico, bem como de comunidades emocionais centradas em comunidades eclesiais. Ao final do percurso analítico é possível esboçar o estabelecimento histórico de uma relação entre entristecimento e ordem social: o entristecimento era, para muitos clérigos medievais, um sinal da retidão espiritual que deveria conduzir certas ações mundanas da comunidade de fé; comunidade essa que deveria, por sua vez, permanecer sensível às injustiças cometidas contra seus membros ou suas coletividades. Desse modo, estabeleceu-se uma forma de eclesiologia emotiva pautada pelo entristecimento.

**Palavras-Chave:** História social das emoções; eclesiologia; retórica; humanidades digitais.

### Abstract:

Centered on the study of medieval saddening, the present article focuses on the understanding of the historical relation between emotion and society. To achieve this goal, I present concepts and methodologies from the field of history of emotions, while making an analysis of rhetorical topics and semantics of medieval texts written by members of the clergy and made available today through vast digital databases. This approach – positioned at the crossroads of the fields of history of emotions, *writing practices*, social studies, and digital humanities – allows us to set the boundaries of the formation and affirmation of a salvific emotive regime and of the emotional communities inside ecclesiastical communities. At the closing of this analysis, I will be able to sketch the historical establishment of a relation between sadness and social order. To many medieval members of the clergy, being sad was a sign of spiritual rectitude which should guide certain mundane actions of the community of faith. This community should, then, remain aware of the injustices committed against its members, either individually or collectively. This, in conclusion, brings to light a form of ecclesiology based on becoming sad.

**Keywords:** Social history of emotions; eclesiology; rhetoric; digital humanities.

## 1. As emoções têm história?

As emoções têm história? Não seriam poucas as pessoas a responder negativamente a esta pergunta afirmando, por exemplo, que a alegria e a tristeza sempre estiveram presentes entre os seres humanos. Muitos diriam, ainda, que esta é uma característica universalmente presente entre nós, pois associada à nossa natureza. Não é raro, nesse sentido, associar emoções a certo caráter primitivo de nossa experiência neste planeta: as pessoas e as sociedades marcadamente emotivas seriam, geralmente, vistas como primitivas, primevas ou infantis em oposição a pessoas e sociedades supostamente civilizadas, desenvolvidas ou adultas. Escala essa que propala, como verdade científica, o desejo de separação e de distinção entre razão e emoção, valorizando positivamente a primeira sobre a segunda. Embate fantasmagórico que se fez claramente presente no Ocidente de modo relativamente recente na literatura e na ciência, elevando o indivíduo ao estatuto de *locus* das emoções. Assim, as emoções individualmente experimentadas no Ocidente sempre teriam existido em todas as sociedades humanas espalhadas pelo globo, tanto em nossos dias como no passado (mesmo o mais recuado). Pretensos senhores das emoções, julgamos que nossas terapias psicológicas, drogas químicas e tecnologias de imagens nos permitem delas (das emoções) tudo conhecer para assim melhor dominá-las; pois se as emoções são universais, então, dominar a emoção de uma pessoa é dominar não apenas sua humanidade, mas a humanidade. Do domínio das emoções interiores chega-se ao controle de pessoas e sociedades.

Por mais sedutora que esta concepção de emoção possa parecer, nós, que vivemos em uma espécie de “Extremo Ocidente” (ROUQUIÉ, 1991), sabemos atualmente que tais argumentos revelam, na verdade, a historicidade de uma noção universalizante, evolucionista, individualista, racionalista e presentista das emoções; complexo articulado de características que se tornou hegemônico no Ocidente a partir do século XIX e que foi objeto de forte expansão ao longo do século seguinte. Se o seu princípio dualista de base já foi criticado por pensadores ocidentais como Descola (2005) e Damásio (1996) (notadamente, natureza/cultura e emoção/razão), outros caminhos foram apontados por pensadores vindos de outros horizontes culturais. Esse é o caso, por exemplo, de Ailton Krenak e seu combate contra a “narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente” (2020, p. 19). Uma narrativa centrada na excludente noção

(ocidental) de humanidade que, segundo Krenak, não apenas produziu (e ainda produz) a destruição da diversidade cultural e das formas de pensar e de sentir o mundo, como se encontra na base do atual processo de destruição do planeta Terra.

A partir destes apontamentos introdutórios, o presente artigo parte de outra resposta à questão inicial: sim, as emoções possuem história. Isso não significa dizer que o caráter histórico de um estudo das emoções consistiria em identificar formas passadas de, por exemplo, alegria ou tristeza. De fato, pretende-se aqui refletir sobre o próprio estatuto das coisas estudadas. Digo “coisas”, pois, de saída, em um estudo propriamente histórico, nada garante, ao pesquisador, que os agentes históricos passados compreendam a alegria ou a tristeza como sendo efetivamente uma emoção (por exemplo, se hoje o termo “beato” não é claramente emotivo, o termo latino *beatus* carrega um sentido emotivo, a felicidade, durante a Idade Média ocidental). Nesse sentido, o estudo histórico das emoções deve partir de uma premissa bastante clara: o construcionismo (HACKING, 2000). Decorre desta premissa que uma emoção nunca se restringe ao domínio da natureza, pois é fruto de um processo histórico que inscreve a afetividade no campo cultural; em termos temporais, toda emoção é, então, circunstancial. Desse modo, e em um movimento dialético, o estudo das emoções conduz a uma melhor compreensão de determinada organização social, bem como o estudo de uma sociedade permite observar o funcionamento das emoções em uma época.

A afirmação da historicidade das emoções nos conduz a outra questão: como saber o que as pessoas sentiam anos, décadas, séculos atrás? Para tentar responder a essa questão, algumas considerações conceituais e metodológicas se fazem necessárias antes de entrarmos em um estudo de caso que permita, ainda que de modo inicial, entrever respostas concretas.

### **Conceitos**

O primeiro passo consiste em perceber a estreita ligação entre emoção e cognição. Temer algo, por exemplo, implica possuir um conhecimento: saber que esse algo pode causar dor ou ameaçar nossa alegria ou mesmo nossa existência. O mesmo se poderia dizer da raiva: temos ira diante daquilo que se opõe a nossas vontades e desejos. Em ambos os casos é preciso que nossos corpos “leiam” o mundo a nossa volta por meio de

seus estímulos. Essa “leitura” mais do que instintiva é fruto de um sistema cognitivo sem o qual qualquer emoção fica impedida de existir ou tem sua existência colocada em risco.

Rosenwein (2006), em diálogo com a proposta de Reddy (2001), relaciona emoções a julgamentos, valores e metas. Forma de opinião sobre algo, uma emoção nunca é exclusivamente resultado de uma idiossincrasia; ela é atravessada por interações sociais, situando os entes emotivos em uma rede de significados ao mesmo tempo dados e em constante construção.

“Emoções (...) são ‘levantes (*upheavals*) de pensamentos’ que envolvem julgamentos sobre uma coisa ser boa ou ruim para nós. Essas opiniões dependem, por sua vez, de nossos valores, nossas metas e nossas pressuposições – que são produtos de nossa sociedade, comunidade e experiência individual...” (ROSENWEIN, 2006, p. 191).

O ato cognitivo presente em cada emoção pressupõe a possibilidade para decodificar os sinais externos e traduzi-los em uma forma de comunicação, em especial o aprendizado. Segundo certa “pedagogia econômica do medo” somos ensinados a temer certas políticas econômicas e não outras. Assim, somos levados a aceitar o flagelo das políticas de austeridade econômica (reforma previdenciária, teto de gastos estatais, pagamento da dívida pública etc.) por medo de que a ordem social vigente colapse em função de um apocalipse fiscal que nos conduza ao inferno na Terra. Dito de outro modo, para nos salvarmos e alcançarmos a felicidade (beatitude, em certo sentido) aceitamos o sofrimento causado pela austeridade que irá purgar os erros (pecados, em certo sentido) econômicos cometidos por nossos “pais”. Se esta ponderação sobre o papel das emoções nas “evoluídas”, “civilizadas” e “racionais” práticas políticas e econômicas contemporâneas pode parecer estranha para alguns leitores, talvez seja mais fácil aceitar a suposta “infantilidade emocional” medieval (BLOCH, 1982) que teria produzido o que já se chamou de “pedagogia teológica do medo” para explicar a dominação da Igreja sobre o conjunto da sociedade medieval (DELUMEAU, 1993)... Ironias a parte, em ambos os casos encontramos algo semelhante: o medo como algo que se aprende coletivamente (criação de consensos emotivos) e que se encontra fundado em uma forma de conhecer o mundo (econômica ou teologicamente).

Dois autores, responsáveis por mudanças capitais no campo dos estudos históricos das emoções em temporalidades recuadas, dizem de modo mais claro o que tentei expressar aqui.

“Emoções podem ser vistas como hábitos cognitivos aprendidos; elas são involuntárias (automáticas) no curto prazo no mesmo sentido que os hábitos cognitivos o são, mas também podem ser aprendidas ou esquecidas em um quadro de tempo mais longo. Entretanto, o aprendizado do que nós convencionalmente chamamos emoções deve muitas vezes envolver tanto metas de profunda relevância como controle mental.” (REDDY, 2001, p. 32).

“As pessoas treinam a si mesmas para ter sentimentos que estão fundadas em suas crenças. Ao mesmo tempo, sentimentos ajudam a criar, a validar e a manter sistemas de crenças.” (ROSENWEIN, 2006, p. 196).

Cognição, aprendizado, metas, controle e crenças: eis alguns elementos conceituais chave dos atuais estudos históricos das emoções. Estudos esses que colocam no centro de atenção de pesquisadores não mais os indivíduos, mas sim as sociedades. Assim, seguindo premissas, uma história das emoções deve ser, necessariamente – penso eu –, uma história *social* das emoções. É nas relações sociais que se encontra o funcionamento de uma dada emoção histórica: conhecer, aprender, estabelecer metas, controlar e acreditar pressupõem sempre a interação entre partes de um todo, uma forma de comunicação. Nesse sentido, podemos dizer que uma emoção comunica socialmente algo, de modo que não haveria emoção sem sua expressão social (fato que coloca em xeque qualquer abordagem exclusivamente fisiológica das emoções). Entre as diferentes formas de comunicação, uma tem merecido maior atenção de pesquisadores das emoções e será o foco do estudo de caso a ser apresentado mais adiante: a linguagem verbal.

Diante de tal quadro teórico, uma questão conceitual e metodológica se impõe: como analisar as emoções por meio da comunicação verbal? Há pouco mais de duas décadas William Reddy forjou um conceito chave para o estudo histórico das emoções: os “emotivos”. Segundo o autor, “expressões emotivas, que eu chamo emotivos, são como [atos de fala] performativos no sentido de que eles fazem algo no mundo” (REDDY, 2001, p. 111). De fato, a verbalização das emoções faz dos emotivos “instrumentos para diretamente mudar, construir, esconder, intensificar emoções, instrumentos que podem ter mais ou menos sucesso.” (REDDY, 2001, p. 105). Enquanto “atos de fala” (noção de J. L. Austin retomada por Reddy e capital para sua reflexão a respeito do modo pelo qual

as emoções são expressadas – traduzidas, segundo ele – em palavras), os emotivos não são falsos ou verdadeiros, pois realizam algo no mundo (REDDY, 2001, p. 97). A noção de emotivo nos afasta de uma abordagem dicotômica das emoções; abordagem essa marcada, de um lado, pela suposta sinceridade emotiva individual (interior) e, de outro, pela pretensa falsa aparência emotiva presente no jogo social (exterior). Os emotivos nos permitem perceber que, sejam “falsas” ou “verdadeiras”, as emoções não apenas existem no mundo (portanto, fora dos corpos, mas em relação a eles) como nele atuam, alterando a própria história humana.

O leitor mais atento já percebeu que o conceito de emotivo permite, então, recolocar em outros termos a questão da suposta dicotomia entre emoção (interior) e sua expressão (exterior), pois, ao invés de partir de uma premissa que separa as duas instâncias, ele demonstra e afirma o princípio de que não há emoção sem expressão; ou seja, as expressões não apenas participam das emoções, elas são elementos constituintes da própria afetividade, da própria experiência emotiva em si. É o que se passa quando, por exemplo, digo: “Eu, medievalista, odeio a Idade Média”. Mais do que descrever verídica ou inverídica minhas emoções pessoais interiores, esse ato de fala provoca o auditor/leitor que pode, assim, se colocar algumas questões: Eu também odeio a Idade Média? Por que alguém odeia a Idade Média? Como alguém afirma odiar a Idade Média em uma revista sobre a Idade Média? Como pode um medievalista odiar a Idade Média? Será que ele verdadeiramente odeia a Idade Média? Essas e muitas outras questões podem ser colocadas a partir de meu enunciado emotivo; todas elas dependem menos da verdade afetiva interior que a frase carrega em relação a seu emissor do que das relações sociais e culturais implicadas nesse emotivo. Relações cognitivas (é preciso conhecer a língua portuguesa para ler e entender o enunciado), educacionais (aprendemos a odiar ou amar a Idade Média), agenciadoras (a meta de quem odeia é a destruição) e normativas (espera-se que um pesquisador controle suas emoções). Todas essas formas de relações socioculturais se encontram ancoradas na crença de que o ódio é valorizado negativamente em nossa sociedade. Mais do que revelar minha emotividade pessoal, a frase permite observar a rede de significados coletivamente compartilhados que uma determinada emoção opera em nossa sociedade.

Quão longe estamos do entendimento de que conhecer uma emoção é inquirir psiquicamente, fisiologicamente, quimicamente um indivíduo, um corpo fora de suas

relações sociais (em uma sala de exames laboratoriais, por exemplo). Assim, mais do que buscar uma suposta verdade individual das emoções, os emotivos de Reddy permitem alcançar a ação das emoções nas sociedades. Desse modo, o referencial para o estudo de uma emoção deixa de ser ontológico e passa a ser histórico, voltado à “aparência descritiva, propósito relacional, efeitos auto-exploratórios e auto-transformável” (REDDY, 2001, p.111) de uma emoção em um determinado tempo e espaço.

Mais do que isso! Podemos dizer que não existe emoção fora do tempo, assim como não existe emoção fora do espaço. Todo agente histórico nasce em uma rede de significados em constante estado de mudanças; vale ressaltar, contudo, que o senso comum emotivo de uma época é eterno enquanto dure. No exemplo acima, é senso comum que o ódio é algo negativo, que se expressa em uma língua, contra objetos também odiados por pessoas próximas a nós, voltado à eliminação de algo, que não pode ser sentido por pesquisadores e em especial por aqueles estudam o objeto odiável. Assim, penso que a abordagem construcionista das emoções (pautada pelo estudo dos modos pelos quais elas são historicamente construídas *hic et nunc*) não impede a percepção da existência de uma teia de significados emotivos comuns partilhados por um determinado grupo de pessoas desde o nascimento dos indivíduos que o compõe. É no senso comum emotivo que se encontra uma parte considerável do estudo histórico das emoções, pois como bem disse Rosenwein, “lugares-comuns são socialmente verdadeiros mesmo se eles possam não ser individualmente sinceros. (...) eles são *emotivos*” (ROSENWEIN, 2006, p. 193)

### **Metodologia**

O que foi dito até aqui diz respeito a como compreendemos hoje as emoções e não ao modo pelo qual autores medievais entendiam o que muitos, então, associavam a movimentos da alma, tema bastante complexo e diverso (ver, por exemplo, BOQUET; NAGY, 2015). Não sendo o objetivo deste artigo abordar as concepções medievais das emoções em termos gerais (nem mesmo a pertinência ou não do termo para a época), as páginas seguintes serão dedicadas a um estudo de caso específico centrado em uma emoção. Para tanto, algumas operações metodológicas serão realizadas em diálogo com as sugestões de Rosenwein. A tabela a seguir apresenta algumas proposições práticas

dessa autora para o estudo histórico das emoções e o modo como tais proposições conversam com estudo de caso aqui realizado.

<i>Rosenwein (2011)</i>	<i>Estudo de caso aqui analisado a partir de:</i>
<b>Delimitar uma série de documentos de um mesmo grupo emotivo;</b>	Produção clerical;
<b>Medir a importância relativa de cada emotivo e conhecer suas funções discursivas;</b>	Empregos mais comuns e correntes de palavras e emotivos;
<b>Buscar o valor de uma emoção na documentação estudada;</b>	Contextos discursivos e significados que marcam os usos do entristecimento na documentação clerical;
<b>Buscar a sociabilidade expressada pelas emoções;</b>	Agentes históricos associados ao entristecimento;
<b>Visar uma história total.</b>	Entristecimento como ponto convergente de relações sociais e culturais complexas.

## 2. Tristes tópicos

### Escrever o sofrimento medieval: o caso do entristecimento

Muitas são as formas de sofrimento experimentadas durante a história<sup>2</sup>. Para o período medieval, uma tipologia possível surge da leitura historiográfica que já se dedicou ao estudo do sofrimento medieval, destacando a importância desta emotividade para a sociedade medieval (ZOMBORY-NAGY; EL KENZ; GRÄSSLIN; FRANDON, 1994; ROSS, 1997). Muitas vezes o sofrimento foi estudado em relação a outras emoções, em especial em relação à tristeza e ao luto (SLOTENMAKER, 2016; SILVA, 2011). O sofrimento decoroso, adequado, notadamente no teatro e na “literatura” cortesã ou nos escritos de autores como Chaucer pode ser visto como uma forma privilegiada da expressão verbal dessa sensibilidade (DUMITRESCU, 2017; O’CONNELL, 1996; ROCHER, 1994; SOUTO ESPASANDIN; GUTIÉRREZ GARCÍA, 2005). A dor pessoal também já mereceu atenção dos estudiosos, em especial em sua articulação com a noção de transformação (KALAS-WILLIAMS, 2020). Não por acaso, então, o estudo do sofrimento deu grande atenção ao corpo. Neste caso, o sofrimento corpóreo conduziu



pesquisadores a refletir sobre a saúde e o gênero, mas também a respeito das dores físicas impostas aos animais (ROFFEY, 2020; GRAHAM, 2018; VARGAS, 2016). Do corpo físico ao corpo místico, o sofrimento crístico testemunhado pela paixão da crucificação figura como um tópico importante nos estudos medievais (WILSON, 2016). A partir daí, não por acaso a dimensão espiritual do sofrimento ganhou força por meio de valores morais como a piedade e a compaixão (BLOWERS, 2010). Por meio da espiritualização da dor é todo o universo da teologia do sofrimento que se abre aos medievalistas, em especial a partir dos escritos de Tomas de Aquino e Mestre Eckhart (MOWBRAY, 2009). Como se vê, as abordagens do sofrimento no mundo medieval têm sido amplas e variadas. Contudo, alguns campos permanecem recebendo pouca atenção, como, por exemplo, o sofrimento social e a relação entre sofrimento e Igreja (REID, 2002; PONTROUÉ, 1993). É justamente essa dimensão social e eclesial que irei privilegiar nas páginas seguintes por meio do estudo de uma forma específica de sofrimento, o entristecimento.

Entre as diversas formas de tristeza presentes na tradição latina cristã *contristare* (entristecer) possui interesse particular por remeter não apenas ao estado emotivo em si, mas também ao modo pelo qual ele é alcançado. Agostinho em sua *Cidade de Deus* (9,5) afirma que “se pode enraivecer com um pecador para corrigi-lo, entristecer (*contristari*) com um oprimido [aflito, abatido] para libertá-lo, temer que uma pessoa em perigo possa perecer”<sup>3</sup>. Tal uso revela ainda outro aspecto importante desta emoção: na passagem em questão não vemos a tristeza do oprimido, mas sim o fato de que se pode (ou mesmo se deve) tornar-se triste (entristecer) diante da opressão sofrida por outrem; *contristare* e sua forma passiva *constristari* atuam por meio do que hoje conhecemos como “empatia”, uma sensibilidade marcadamente social, pois depende de contatos com outras pessoas (ou outros seres vivos) para existir. Não por acaso, então, Rosenwein, traduz o termo por *fell sympathy for* (sentir empatia por) em sua lista não exaustiva de palavras emotivas latinas ciceronianas e patrísticas (Rosenwein, 2006, p. 52). A expressão agostiniana, contudo, não dá origem a uma longa tradição exegética, tendo sido empregada uma única vez em todos os escritos deste autor e retomada apenas três outras vezes em toda a documentação aqui analisada (sobre o *corpus* de análise empregado neste artigo, ver mais abaixo): o *De districtione monachorum* de Eutrópio de Valência (sécs. VI-VII), o *De regis persona et regio ministerio* de Hincmar de Reims (806-882) e as *Quaestiones disputatae de veritate* (q. 26 a. 7 s. c. 2), de Tomas de Aquino (c.1224-1274).

Chegamos aqui a um ponto teórico-metodológico importante: o estudo dos emotivos medievais deve levar em consideração as práticas exegéticas e, conseqüentemente, retóricas responsáveis pela criação, circulação e eficácia das emoções e seus atos de fala. Buscar compreender em qual medida um emotivo é repetido (ou alterado) ao longo do tempo pode conduzir a uma história das emoções mais precisa ao demonstrar claramente o papel dos lugares-comuns na afirmação social de certas emoções<sup>4</sup>.

As atuais tecnologias de informação oferecem uma forma renovada e promissora de articulação entre a história das emoções e os estudos retóricos. De fato, atualmente dispomos de ferramentas que permitem identificar, de forma exaustiva e com pequeno prejuízo qualitativo, diferentes dimensões das práticas escritas, entre elas a tópica. Imensos *corpora* documentais compostos por milhões de palavras oriundas de diferentes edições de textos medievais se encontram disponíveis e podem ser examinados via internet. Não apenas consultáveis como livros em uma biblioteca física, os *corpora* constituem bases de dados que podem ser inquiridas por meio de diferentes ferramentas e motores de busca de palavras e expressões. Não se trata de método absolutamente novo, uma vez que o estudo das palavras através de ferramentas computacionais remonta à indexação do vocabulário tomista capitaneado por Busa nos anos 1940. Além disso, anos depois, com o estabelecimento dos primeiros *corpora* documentais informatizados passou-se, a partir dos anos 1970, à análise fatorial das palavras e seu estudo semântico<sup>5</sup>.

Se, por um lado, tais avanços computacionais estiveram associados a escolas históricas tradicionais como a filologia, por outro lado, entraves tecnológicos e teóricos conduziram a uma menor atenção à tópica e à retórica, em especial entre os estudos exegéticos da tradição religiosa medieval. A história das emoções por meio de sua atenção aos emotivos e às listas de palavras oferece um quadro conceitual e teórico rico que valoriza a tópica como um elemento discursivo repleto de significados sociais. Nesse sentido, o estabelecimento, ao longo dos séculos, de lugares-comuns emotivos ultrapassa as fronteiras da escrita e alcança as sociedades que optaram por praticá-los enquanto atos de fala significativos para as experiências coletivas de vida. Assim, o presente artigo defende que, dialeticamente, os emotivos têm seus significados fundados nos usos de lugares-comuns retóricos responsáveis pela constituição de determinados sentidos comuns afetivos historicamente ancorados nas sociedades que produziram os próprios emotivos.

Os princípios teórico-metodológicos apresentados aqui podem ser traduzidos em uma questão de pesquisa: qual a importância do entristecimento durante o período medieval? Podemos (e devemos) modular essa questão segundo critérios tipológicos documentais, cronológicos, geográficos, sociais etc.. Nas páginas seguintes buscarei oferecer uma primeira análise dos usos de emotivos associados ao entristecimento em um contexto ao mesmo tempo amplo e restrito: amplo por cobrir temporalidades, geografias e contextos sociais diferentes; restrito por estar centrado em documentação escrita, latina, fundamentalmente ocidental, religiosa e, em especial, clerical.

O estudo de caso aqui realizado empregou a base de dados *Corpus Corporum* organizada por pesquisadores da Universidade de Zurique e acessível em <https://mlat.uzh.ch/>. Em outubro de 2021, momento de realização desta pesquisa, ela possuía mais de 160 milhões de palavras, mais de 8.000 obras de cerca de 2.800 autores antigos, medievais e renascentistas<sup>6</sup>. A base de dados era composta, naquele momento, por 26 importantes coleções documentais: *Libri sacri*, *Aristotelis Physica latine versa*, *Patrologia Latina*, *Auctores scientiarum varii*, *Latinitas antiqua*, Rinascimento, Richard Rufus Project, *Croatiae auctores Latini*, *Neolatinitas*, *Philosophica*, *Hagiographica*, *Itinera*, *Grammatici Latini*, *Theologica*, *Poetica*, *Antiquitas posterior*, *Historica*, *Versiones latinae*, *Scriptores Ecclesiastici*, *Encyclopediae*, *Latinità Italiana del Medioevo*, *Monumenta*, *Mathematica*, *Mirabile Digital Library*, *Dissertationes*, *Graeca miscellanea*. Neste *corpus* documental foram encontradas 6.455 ocorrências de “entristecimento” (verbo *contristare* e substantivo *contristatio*). Um total de 407 (cerca de 6% do total) dessas ocorrências se resume a cinco passagens bíblicas, figurando, ao que tudo indica, como os emotivos mais recorrentes em toda a base de dados, verdadeiros lugares-comuns da emotividade religiosa medieval. Mesmo levando em consideração a metodologia de pesquisa (busca por palavras – prática lastreada por décadas de uso acadêmico dos índices remissivos e potencializada pelo refinamento das Linguagens de Marcação HTML e TEI, mas com algumas limitações decorrentes do processo de captura OCR e de lematização de textos latinos), temos aqui um elemento chave do senso comum do entristecimento em contexto clerical latino.

## Entristecimento empático: a tópica bíblica

Entre os emotivos bíblicos do entristecimento, a ocorrência mais numerosa remete a Efésios 4:30:

*“Et nolite contristare Spiritum Sanctum Dei: in quo signati estis in diem redemptionis” (Vulgata); “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, pelo qual fostes selados para o dia da redenção” (Bíblia de Jerusalém)<sup>7</sup>.*

A passagem recebeu grande atenção por parte dos comentadores medievais, tendo em vista que foi possível indexar 113 ocorrências da expressão no *corpus* estudado. Aqui temos uma resposta afirmativa para uma questão teológica importante: seria a divindade um ser emotivo? De fato, não apenas o Espírito Santo experimentaria emoções, como essas poderiam ser resultado de ações humanas. Sendo afetada pelas ações humanas, a divindade se entristece. Para além da entrada da tristeza no rol das emoções divinas, juntando-se à alegria e à ira, é o horizonte humano que me interessa aqui, pois o entristecimento surge de uma relação entre seres emotivos. Não entristeça o *Outro*, é o sentido central desta passagem, que de modo específico sugere aos fieis não causar tristeza à divindade, pois ela é contrária a salvação da alma.

A segunda passagem bíblica que recebeu maior atenção por parte de autores cristãos medievais se encontra em 2 Coríntios 7:9:

*“nunc gaudeo: non quia contristati estis, sed quia contristati estis ad poenitentiam. Contristati enim estis secundum Deum [ou ainda: enim estis ad Deum], ut in nullo detrimentum patiamini ex nobis”; “alegro-me agora, não por vos ter contristado, mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento. Vós vos entristecestes segundo Deus, e assim não sofrestes dano algum da nossa parte”.*

O horizonte salvífico segue aqui sendo capital no entendimento do entristecimento. Diametralmente oposta à alegria e associada à penitência, esta forma de tristeza aparece em 99 ocorrências ao longo dos textos aqui analisados. Como no caso anterior, o emotivo evoca a interação humana por meio do entristecimento de *outrem*; uma forma virtuosa de sofrimento, pois conduz à correção necessária à salvação da alma. Neste sentido, o sofrimento não apenas é positivado, como necessário para se alcançar a alegria no outro mundo.

Com 92 ocorrências temos 1 Tessalonicenses 4:13:

*“Nolumus autem vos ignorare, fratres, de dormientibus, ut non contristemini sicut et ceteri, qui spem non habent”*; “Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança”.

Próxima ao sentimento de luto, a passagem remete aos cuidados com aqueles que perderam entes próximos. O horizonte da salvação aparece aqui de modo implícito e pode ser associado à emotividade daqueles que não possuem esperança em relação ao destino dos fiéis após a morte da carne. Quanto ao elemento social, esse aparece novamente de forma clara: o narrador busca não entristecer *o outro*, seu próximo na fé. Há uma espécie de empatia pelos que sofrem pelos mortos, um sofrimento identificado negativamente com a tristeza, pois esta seria uma forma de desesperança.

Os emotivos aqui estudados demonstram que, ao longo da Idade Média, foi, sobretudo, a partir da Bíblia que se aprendeu a entristecer. Nada de novo quanto isso, se lembrarmos do estudo de Guerreau (2006) evidenciando a função formadora do vocabulário e da semântica latina exercida por este conjunto de textos. Porém, foi especialmente no Novo Testamento, em particular no ciclo paulino, que autores medievais buscaram o significado do entristecimento. De fato, boa parte das ocorrências indicadas acima é oriunda de textos centrados na exegese das cartas paulinas, o que parece evidenciar, na emotividade clerical medieval, o conteúdo potencialmente social dessa emoção por meio de seu uso, segundo uma retórica epistolar, entre emissor e receptor de um ato de fala.

As duas ocorrências que serão comentadas a seguir deslocam nossa atenção para o Velho Testamento e, especialmente, para os Salmos. Trata-se, como sabemos, de um conjunto textual de grande circulação no medievo, chegando ao ponto de se tomar a parte (Salmos) pelo todo (Bíblia), como também demonstrou Guerreau (2006) em seu estudo semântico do termo *“textus”*.

*“Improperium expectavit cor meum et miseriam: et sustinui qui simul contristaretur, et non fuit; et qui consolaretur, et non inveni”*; “O insulto partiu-me o coração, até desfalecer. Esperei por compaixão, e nada! Por consoladores, e não os encontrei!”

Os comentadores retomaram esta passagem (Salmo 68:21) 67 vezes. Mais uma vez nos distanciamos da explicitação do horizonte salvífico. Contudo, seguimos claramente no caminho do contato com *o outro* e mesmo da empatia. A opção dos editores da Bíblia de Jerusalém pela tradução de *contristare* na forma passiva por “compaixão” é aqui flagrante do poder emotivo do termo: pode um fiel não compadecer diante sofrimento alheio? É justamente a falta de compaixão, de entristecimento conjunto, que parece aqui ser denunciada, pois o narrador da passagem explicitamente declara aguardar pelo entristecimento de outrem diante do sofrimento causado pelo insulto.

Um tom parecido está presente no Salmo 54:3 quando o narrador interpela seu interlocutor (a divindade): “Dá-me atenção e responde-me: estou divagando em meu lamento!” (“*Intende mihi, et exaudi me. Contristatus sum in exercitatione mea*”). O entristecimento aparece aqui como uma forma de chamar a atenção do outro, que, como no caso anterior, não deve se calar ou se abster de oferecer conforto aquele que sofre. O pedido, que se aproxima de um clamor, reafirma definitivamente a marca principal do entristecimento que venho destacando até aqui: entristecer pressupõe a existência de relações com outra(s) pessoa(s). Nesse sentido, é uma emoção marcadamente social, pois sem tais relações humanas (ou dos seres humanos com a divindade, como é o caso em uma comunidade marcada pela fé) tal emoção parece simplesmente não existir (ou sua existência mereceu menor atenção por parte de comentadores exegetas ao longo de toda a Idade Média latina).

A análise do entristecimento (em suas formas substantiva e verbal) empregado em língua latina por membros do clero e hoje disponível em grandes bases textuais diacrônicas e pluri-regionais permitiu a identificação da produção ativa de lugares-comuns emocionais centrados no texto Bíblico (em especial nas cartas paulinas e nos Salmos). Longe de se tratar de exercícios retóricos ou doutrinários circunscritos ao campo das ideias, o uso reiterado de exemplos oriundos da Sagrada Escritura aponta para a normalização de determinados atos de fala emotivos. Assim, por meio do breve levantamento realizado aqui, pode-se observar duas formas importantes de experimentar a tristeza durante a Idade Média: (1) um sofrimento não simplesmente individual, mas sim uma forma de empatia para com os membros da comunidade de fé; (2) empatia essa balizada pelo entristecimento *com* o outro como forma de virtude salvífica. Nesse sentido, o presente estudo demonstra a necessidade de se ultrapassar a atual dimensão

individualizante das emoções, apontada no início deste artigo, para que possamos compreender como os regimes e as comunidades emotivas produziram, circularam e afirmaram suas próprias emoções.

A estruturação digital de *corpora* compostos por diferentes tipos documentais permite comparações entre resultados de pesquisa, de modo a oferecer, no que nos interessa aqui, maior precisão à identificação do lugar do entristecimento na experiência emotiva do clero medieval. Citemos dois exemplos que permitem refinar nossa compreensão da articulação entre emoção, práticas escritas e retórica. O primeiro está centrado em um tipo documental bastante difundido ao longo da Idade Média ocidental, a hagiografia. Em investigação realizada na *Acta Sanctorum Database (ASD)*, buscou-se em textos latinos anteriores a 1500 a truncatura *contrist\** (abarcando, assim, o verbo *contristare* e o substantivo *contristatio*)<sup>8</sup>. No total foram encontradas 662 ocorrências. Contudo, apenas duas (BHL 2678 e BHL 4387) retomam uma das cinco passagens bíblicas mencionadas anteriormente, o Salmo 68:21. Desse modo, constata-se que o gênero retórico hagiográfico, ainda que seja plural em sua realização, possui uma taxa bastante baixa de emprego da tópica do entristecimento bíblico analisada anteriormente.

O segundo caso comparativo a ser apresentado busca o entristecimento em uma base dados heterogênea, mas centrada em uma documentação significativamente diferente da apresentada até aqui: os atos da prática (cartas e diplomas, em especial). Trata-se do *Corpus Burgundiae Medii Aevi – CBMA* (<http://www.cbma-project.eu/>)<sup>9</sup>. Também fazendo uso da busca truncada por *contrist\**, obteve-se uma lista com 84 ocorrências. Novamente a tópica bíblica do entristecimento destacada nas linhas acima se mostra quase ausente. De fato, entre a documentação ligada aos atos da prática, nenhuma ocorrência dessa tópica foi encontrada. Apenas quatro ocorrências oriundas de outros tipos documentais puderam ser repertoriadas. Uma situada no livro dois (XXVIII) das *Collationes* de Odo de Cluny (c.878-942) cita o Salmo 68:21. As outras três, encontradas nas epístolas (Livro II, epístolas XII e XVII – esta última de cunho hagiográfico: BHL 7086d –, Livro IV, epístola XXXIX) de Pedro, o Venerável (c.1092-1156), retomam a tópica de 1 Tessalonicenses 4:13.

Ao compararmos esses diferentes *corpora* documentais, três conclusões tipológicas principais podem ser elencadas: a tópica bíblica do entristecimento colocada em evidência pelo presente estudo está quase ausente de textos de cunho hagiográfico;

ela é conhecida pelos monges de Cluny que a empregam, em especial 1 Tessalonicenses 4:13 e Salmo 68:21; a preponderância do tipo epistolar indica que o contexto retórico do uso da tópica é o diálogo, notadamente em meio monástico, confirmando o caráter social do entristecimento destacado anteriormente. O cruzamento dos dados obtidos em diferentes *corpora* indicam, assim, algumas constantes dos emotivos aqui analisados (por exemplo, o gosto pela retórica dialogal) e algumas especificidades (a opção hagiográfica pelo afastamento em relação a certos lugares-comuns do entristecimento bíblico). Em suma, pode-se afirmar que as práticas escritas, por meio da disposição retórica de emotivos, exercem um papel fundamental na difusão e na afirmação das emoções em uma determinada comunidade ou sociedade. É impossível, então, separar uma emoção de sua expressão (verbal).

### **Uma eclesiologia do entristecimento?**

O estudo do entristecimento presente em textos escritos em língua latina por membros do clero medieval demonstra a importância de uma análise social das emoções não apenas em função do claro estabelecimento de um lugar-comum de origem bíblica, como também do emprego recorrente da emoção em um contexto comunitário, pois dialogal. O levantamento quantitativo realizado no *corpus* documental mais amplo aqui estudado (*Corpus Corporum*) aponta, ainda, para outro fato qualitativo de relevo: na sequência das passagens bíblicas citadas, é em relação à Igreja que os autores medievais mais se referem ao entristecimento (34 ocorrências da emoção em associação direta com o termo *ecclesia*). Assim, o “outro” bíblico pertencente à comunidade de fé passa a estar relacionado à própria Igreja.

Ao listarmos as 6.455 ocorrências de entristecimento empregadas na documentação analisada (novamente, as ocorrências do verbo *contristare* e do substantivo *contristatio* repertoriadas na base de dados *Corpus Corporum*) é possível perceber que o uso não bíblico mais recorrente se dá em associação ao termo *ecclesia* e que o vocábulo será, muitas vezes, empregado em sua forma acusativa – *ecclesiam* –, remetendo ao entristecimento da Igreja. Se nos exemplos bíblicos acima há preocupação em não entristecer a divindade, aqui os autores dão atenção a tudo aquilo que pode



entristecer a Igreja e em particular oprimi-la, ecoando o exemplo agostiniano comentado anteriormente: “entristecer (*contristari*) com um oprimido (*adflicto*) para libertá-lo”.

Segundo os dados disponíveis no *corpus* analisado (*Corpus Corporum*), cronologicamente, os autores que associaram entristecimento à Igreja estavam ativos do século III ao XII, com uma breve pausa durante o século X. Em função das datas aproximadas de produção dos textos, podemos assim organizar cronologicamente a atenção dada a essa relação emotiva: 1 ocorrência no século III; 2 ocorrências no século IV; 4 ocorrências no século V; 6 ocorrências no século VI; 1 ocorrência no século VII; 3 ocorrências no século VIII; 4 ocorrências no século IX; 3 ocorrências no século XI; 8 ocorrências no século XII; 2 ocorrências de data incerta. Por esta perspectiva, o século XII marcaria um momento forte da preocupação com o entristecimento associado à Igreja. Contudo, o aumento notório da produção escrita desde o século XI poderia nos conduzir a tomar como um fato emocional significativo algo que seria, na verdade, um efeito de fonte (quanto maior a disponibilidade de documentação escrita, maior a probabilidade de encontrarmos menções à emoção que estudamos)<sup>10</sup>. Para tentar corrigir esse desvio estatístico devemos empregar outro recorte cronológico. Nesse sentido, a periodização tradicional da Idade Média pode ser de alguma utilidade. Observado por este ângulo, o entristecimento relacionado à Igreja é claramente uma tópica que atraiu maior atenção entre os autores ativos desde o final da antiguidade até o final do período carolíngio (18 ocorrências entre os séculos V-IX), em oposição aos séculos seguintes (11 ocorrências entre os séculos XI-XV).

Qual o significado de tal cronologia? Estaria ela associada a tipos documentais mais comuns em uma época do que em outra? Para tentar responder a essas questões, é necessário explorar a disposição tipológica das ocorrências dos emotivos. Entre as 34 unidades textuais analisadas, pode-se discernir seis tipos documentais: sermão, tratado, epístola, história, *vitae* e textos de cunho normativo ou hagiográfico; quantitativamente os emotivos aparecem em 17 tratados, 8 epístolas, 3 histórias, 2 textos normativos, 2 *vitae* (datação incerta), 1 texto de cunho hagiográfico e 1 sermão. Como toda tipologia, é preciso considerar formas fluídas de textos. Por exemplo, muitas epístolas possuem um caráter normativo ou sermonário em sua redação. Contudo, o esforço taxonômico oferece alguns resultados significativos. O primeiro deles diz respeito à presença marcante dos tratados como *locus* privilegiado da reflexão sobre o entristecimento. Em harmonia com

a importância da exegese bíblica para a compreensão da historicidade desta emoção, encontramos aqui 12 tratados versando sobre a Sagrada Escritura, com destaque para os Provérbios de Salomão (5 tratados), Mateus (2 tratados), Salmos (2 tratados). Espécie híbrida entre tratado, norma e sermão, as epístolas figuram como outro meio relevante de circulação da reflexão clerical em latim medieval sobre o entristecimento e sua relação com a Igreja.

De modo geral, a tipologia documental aponta para um fato histórico importante. Tal como em nossos dias possuímos uma noção de emoção fortemente dependente de reflexões eruditas que privilegiam sua dimensão biológica (neurológica e psíquica, sobretudo), a experiência emotiva medieval produziu sua própria compreensão das emoções. No caso do entristecimento, por meio de tratados sobre temas bíblicos, eruditos medievais analisaram esta emoção e a relacionaram claramente à dimensão eclesial. Desconsiderar tal experiência emotiva medieval equivaleria, nesse sentido, a obliterar o fato histórico capital de que, em nossos dias, a tristeza está, muitas vezes, relacionada à dimensão médica.

Até aqui centrei minha atenção em um dos elementos que compõe a relação analisada. Resta agora buscar compreender melhor qual(is) aspecto(s) eclesial(is) são acionados quando autores medievais trataram do entristecimento. Para tanto, é preciso, em primeiro lugar, lembrar-se da tripla dimensão semântica que o termo *ecclesia* poderia assumir no medievo: assembleia (comunidades de fiéis), prédio (local/grupo de culto) e instituição (clero) (IOGNA-PRAT, 2006). Ciente de que os significados podem sobrepor-se uns aos outros, para fins analíticos, irei tratá-los de modo separado.

Começemos pelo aspecto material: a igreja enquanto prédio ou comunidade local. Três são os contextos gerais nos quais os emotivos aparecem: a morte de um fundador ou a ausência do líder de uma determinada comunidade, a predação das igrejas e as trocas econômicas. No primeiro caso temos um texto histórico mencionando certa comunidade (de cenobitas) que se entristece ao saber da morte de seu fundador (século, XII)<sup>11</sup> e duas epístolas do século XI, uma tratando da “usurpação” de uma igreja por um laico e o entristecimento que disso decorre<sup>12</sup> e outra afirmando que certo prelado não teria se entristecido pouco diante das atribulações e das calamidades sofridas por uma igreja sem cuidados pastorais<sup>13</sup>. Não parece ser um acaso que tais preocupações se concentrem entre

os séculos XI e XII e em epístolas já que o período foi marcado por importantes disputas a respeito do cuidado pastoral no seio da Igreja.

Quanto à predação de igrejas, temos também três ocorrências. Em um sermão do século V, a morte dos santos entristecia a comunidade, assim como a predação das coisas da Igreja não trazia felicidade<sup>14</sup>. Uma história do século XII narra o entristecimento causado pela destruição de uma igreja<sup>15</sup>. Por fim, um texto normativo do século IV aponta que uma igreja que permaneça sem prelado por muito tempo entristece o povo<sup>16</sup>. Aqui os emotivos se encontram dispersos em diferentes gêneros documentais, sem a prevalência de nenhum sobre o outro. Por outro lado, os séculos IV e V, momento de forte impacto nas estruturas materiais das comunidades, figuram como período em que mais deixou testemunhos a respeito do entristecimento em relação à predação de igrejas.

Por fim, as trocas econômicas são o pano de fundo de outras três ocorrências. Em um tratado do século XII (em diálogo com a regra beneditina, 36) podemos ler que enfermos se entristecem com os custos de sua doença para a igreja<sup>17</sup>. No século VI, uma epístola papal afirma que não convém entristecer seus seguidores com o não pagamento de dívidas que não prejudicam a Igreja<sup>18</sup>. Por fim, em outra epístola, produzida no mesmo período, o papa recomenda não entristecer seus partidários mediante o abandono de suas terras, nem prejudicar a igreja romana com a perda de rendas<sup>19</sup>. Epístolas do século VI, momento de mudanças na circulação de bens e de pessoas, figuram como o contexto mais comum do uso do entristecimento em relação às trocas econômicas das igrejas.

Se levarmos em consideração esses nove emotivos, o entristecimento parece delinear uma comunidade emocional marcada pela falta de uma liderança religiosa localmente eficiente na proteção de certos interesses da comunidade. Esta tensão social parece também marcar, ainda que de modo diferente, os usos dos emotivos relacionados à igreja-instituição por meio de seus representantes, o clero.

Muito menos comum do que os demais emotivos, a associação entre o entristecimento e o clero parece ser empregada em um contexto muito claro: o da desunião da comunidade. Uma epístola do século VI anuncia que a Igreja foi perturbada e entristecida pela disputa que opôs a igreja romana ao imperador em torno da distribuição de cargos eclesiásticos durante o breve papado de Agapito I (535-536)<sup>20</sup>. Em um tratado do século IX, o bom (justo?) servo (clero?) se entristece com os males (injúrias) feitos à Igreja<sup>21</sup>. Em um texto hagiográfico de datação incerta (século VIII?), o dissenso insolúvel

entristece a *ecclesia* (clero)<sup>22</sup>. Por sua vez, um emotivo empregado, primeiramente, em um tratado do século VI e, depois, retomado em um texto normativo do século IX afirma-se que grandes sacrifícios ao diabo (ou seja, alimentar a discórdia) entristecem a *ecclesia*<sup>23</sup>. Por meio, principalmente, de tratados produzidos nos séculos VI e IX (momentos de organização do quadro clerical, notadamente monástico, mas não só), estabelece-se uma comunidade emocional marcada pela ideia de que a desunião clerical entristece a Igreja.

Por fim, vinte ocorrências acontecem quando o campo semântico de *ecclesia* parece se referir à assembleia dos fieis, à comunidade de fé como um todo, à sociedade em seu conjunto, ou ainda, em última escala, à cristandade. Podemos perceber quatro contextos principais de uso do emotivo: o mal uso de rituais e práticas religiosas, o bom uso de rituais e práticas religiosas, a crueldade e a injustiça. No primeiro caso, em um texto de cunho hagiográfico do século VII, lemos que a morte repentina (sem despedidas) de um membro de uma comunidade religiosa entristece seus pares<sup>24</sup>. Em um tratado do século IX, podemos ler que Agostinho teria se entristecido com a perda daqueles que vão à igreja buscando mais o litúrgico do que a oração<sup>25</sup>. Em outro tratado, também do século IX, afirma-se que o clero se entristece quando fieis participam da eucaristia com ira ou soberba<sup>26</sup>. Assim, o entristecimento causado pelo mal uso de rituais e práticas religiosas é marcadamente tratadista e produzido no século IX, momento não sem importância para a história da liturgia medieval.

A preocupação com os rituais e as práticas religiosas parece ser a principal marca da relação entre o entristecimento e a *ecclesia* já que além das três ocorrências citadas há pouco, outras dez o fazem também, mas agora em contexto oposto, ou seja, o dos bons usos de rituais e práticas religiosas. Em um tratado do século XII lemos a respeito do entristecimento da Igreja quando se apagou sua luz (luz = vela = Cristo)<sup>27</sup>. O entristecimento como penitência pessoal que alegra a Igreja e garante a coroa (salvação) é mencionado em um tratado do século III<sup>28</sup>. Segundo uma *vita* de difícil datação, a paixão do martírio de um santo provoca tristeza, mas sua sepultura é venerada, como as relíquias dos mártires da Igreja testemunham<sup>29</sup>. Em um tratado do século IV afirma-se que quem por muito tempo permanecer desesperadamente entristecido e se penitenciar, afastando-se da vida pública e funesta, retornará à Igreja<sup>30</sup>. O contorno social definidor da comunidade de fé fica ainda mais claro nos seis usos finais a serem analisados aqui, uma

vez que todos eles se referem, de alguma forma, a heresias. Seja em um tratado do século VIII onde é possível ler que os heréticos e os inimigos da Igreja se entristecem diante das obras dos eleitos, seja no entristecimento da Igreja (mãe) causado por quem, tendo sido batizado, realiza más obras ou heresias (emoção afirmada e reiterada por 5 tratados – 1 do século V, 2 do VIII e 2 do XII – que comentam Provérbios 15: 20: “*filius sapiens laetificat patrem, et stultus homo despicit matrem suam*”), a emotividade figura como a fronteira que dá acesso ou exclui os fieis da comunidade de fé<sup>31</sup>. Desse modo, o entristecimento associado aos bons usos de rituais e práticas religiosas delimita, por meio de numerosos tratados produzidos nos séculos VIII e XII (momentos de certas emergências polemistas em torno do pertencimento à comunidade de fé), alguns contornos fundamentais da sociedade cristã (Igreja).

O tom panegirista dos emotivos conduz ao papel da emoção na defesa da Igreja. Entre os argumentos empregados nessa defesa encontramos, em dois momentos, a crueldade. Em duas epístolas, uma do século V outra do século seguinte, fala-se da crueldade desnecessária que entristece a Igreja e da crueldade cometida contra as igrejas católicas e que entristece (a Igreja) tanto quanto alegra (as heresias)<sup>32</sup>. Novamente (embora em outro quadro histórico) é o contexto polemista de afirmação de certa leitura do cristianismo sobre as demais que parece alimentar uma emotividade claramente preocupada com a organização social.

Por fim, os últimos cinco usos do entristecimento em relação à Igreja (comunidade de fé) se referem à injustiça, elemento que parece dialogar com os anteriores. Em um tratado do século V fala-se sobre como o afastamento da justiça (Igreja) causa entristecimento<sup>33</sup>. No século seguinte, uma história fala do entristecimento sentido em meio a divisões (injustiças) existentes na Igreja<sup>34</sup>. No século XI, um tratado fala do entristecimento causado pela perseguição dos judeus contra a Igreja Cristã<sup>35</sup>. Já no século XII uma epístola afirma que a falta de ação adequada (justa) por parte de um alto prelado publicamente entristece a Igreja e faz o público reclamar<sup>36</sup>. Um tratado do mesmo século versa a respeito da comunidade de fé (Igreja) que teria se entristecido diante de injustiças cometidas contra seus fundadores<sup>37</sup>. Com certa ênfase em tratados oriundos dos séculos XI e XII (período não só de crescente valorização do direito canônico como de reflexão sobre a ordenação social), a justiça parece oferecer valores de grande importância para o entristecimento em sua relação com a Igreja.

Percorrendo a documentação que trata do entristecimento em contexto eclesial, particularmente em seu sentido comunitário mais amplo, pode-se perceber o delineamento de uma comunidade emocional que busca dar sentido, ordenar e normatizar esta emoção. Muitas vezes empregado como forma de qualificar ou de corrigir determinados atos religiosos, bem como de identificar a crueldade e a injustiça cometidas contra a *ecclesia*, o entristecimento assume uma função reguladora da comunidade de fé. Entristecer possui, assim, um caráter eclesiológico que organiza a sociedade interna e externamente.

\*\*\*

Observou-se anteriormente, a respeito dos emotivos bíblicos mais comumente comentados durante a Idade Média, que autores clericais escrevendo em latim estabelecem o seguinte senso comum emocional: o entristecimento com o outro é uma virtude salvífica. Podemos dizer agora que a amplitude de tal senso comum vai além da Bíblia e alcança outros usos emotivos, notadamente em relação à *ecclesia*. Nesse sentido, essa emotividade pode ser percebida como uma espécie de norma que atravessa todo o grupo social aqui analisado; é o que W. Reddy chamou de Regime Emocional: “o conjunto de emoções normativas e de rituais, práticas e emotivos oficiais que os expressam e os inculcam; uma fundação necessária para qualquer regime político estável.” (REDDY, 2001, p. 129).

Por outro lado, a análise dos emotivos mobilizados em associação à Igreja permitiu uma visão menos geral e mais precisa do papel social do entristecimento. Pode-se dizer que as comunidades emocionais centradas no entristecimento, sob a ótica dos agentes da Igreja, produziram verdadeiras eclesiologias emotivas. Por um lado, os ataques às igrejas ou às comunidades locais causam tristeza, já que a Igreja, por meio do clero, se entristece com os crimes cometidos contra seus agentes e fiéis; por outro lado, ao se afastarem da Igreja, os dissidentes que se entristecerem podem buscar reconciliação, assim testemunhando seu pertencimento à comunidade de fiéis. Desse modo, pode-se perceber como a erudição cristã construiu, ao longo da Idade Média, uma relação entre entristecimento e ordem social: é preciso ser sensível às injustiças, pois o bom fiel deve se entristecer diante das injustiças cometidas contra as comunidades cristãs locais, contra

o clero e contra a comunidade de fé como um todo. Assim, uma emoção (o entristecimento) é sinal da retidão espiritual (moral) de toda a comunidade de fé.

### 3. Conclusão

Ao final deste percurso pela emotividade medieval e em especial pelo entristecimento experimentado por membros do clero escrevendo em língua latina é preciso deixar claro que o procedimento voluntariamente exploratório aqui empregado não permitiu alcançar todas as nuances e particularidades dessa emoção presentes em todos os textos analisados. Por outro lado, conceitos e metodologias oriundos dos estudos históricos das emoções, em associação à análise tópica de vastas bases de dados, permitiram conhecer e delimitar, com bastante clareza, a formação e a afirmação de um amplo regime emotivo e de comunidades emocionais específicas marcadas pelo entristecimento. Para tanto, foi preciso seguir os cinco passos enunciados na primeira parte deste artigo.

Primeiramente, foi necessário delimitar uma série de documentos de um mesmo grupo, a saber, escritos em latim e produzidos por membros do clero. Em seguida, partindo de certo vocabulário emotivo ciceroniano e patrístico legado ao medievo (ROSENWEIN, 2006, p. 52-53), buscou-se os usos dos termos *contristare* / *contristatio* de modo a identificar a importância relativa de determinados contextos emotivos e de suas experiências colocadas por escrito. Pôde-se, assim, perceber não apenas certos lugares-comuns afetivos, como suas variações e, até mesmo, a emergência de novos usos. A identificação das formas pelas quais o entristecimento aparece nas narrativas escritas permitiu buscar quais valores estariam, não apenas associados a essa emoção, mas, sobretudo, sendo visados por ela (em especial a salvação das almas e a defesa da Igreja, notadamente por meio da virtude da justiça).

Alguns leitores poderiam reclamar a demonstração de como as características do entristecimento destacadas ao longo desse artigo poderiam atuar no mundo. De minha parte, penso que todo o interesse de uma história das emoções centrada na noção de “emotivo” torna-se, então, evidente: enquanto ato de fala, as diferentes formas de dizer o entristecimento participaram da construção e da afirmação de um regime emotivo salvífico e de comunidades emocionais centradas na afirmação de determinadas

comunidades eclesiais, de suas comunidades de fé e, em última escala, da Igreja. Longe de ser um nicho específico da disciplina histórica, uma subárea centrada em si mesma, a história (social) das emoções se configura como ponto privilegiado de cruzamento de diferentes abordagens históricas. Uma história total digna deste nome não por abranger a totalidade da experiência humana (coisa impossível), mas por se opor à atomização, autonomização e imobilização de um campo de conhecimento. Para dar conta da pluralidade, inter-relação e dinâmica da experiência humana, o presente estudo circulou por alguns campos do conhecimento, entre eles, retórica, gramática, exegese, religião, eclesiologia, política e poder. Todos eles necessários para a compreensão não apenas de como o entristecimento foi experimentado na Idade Média, mas como esta emoção participou da construção e da manutenção de certa ordem social.

Foi a compreensão do funcionamento social o objetivo último deste artigo sobre o entristecimento na Idade Média. Funcionamento social esse que foi aqui observado pela ótica afetiva de uma “ciência da empatia” ancorada na compreensão histórico-cultural das emoções<sup>38</sup>. Nesse sentido, o estudo do entristecimento e da empatia que essa emoção revelou se insere em um horizonte mais amplo de preocupações que visam compreender como as pessoas vivem juntas e como esse convívio se altera ao longo do tempo. Ao final, espero que os leitores reconheçam o valor heurístico desta história *social* das emoções assumidamente construcionista e que ultrapassa a dimensão casuística das emoções (ligada aos indivíduos) para alcançar a experiência coletiva das emoções.<sup>39</sup>

### Referências:

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional/Paulus, 2000.
- Bíblia Sacra. Iuxta vulgatam clementiniam*. A. Colunga et L. Turrado (eds.). Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.
- BLAISE, A. *Lexicon latinitatis Medii Aevi. Corpus christianorum continuatio Medievalis*. Turnhout: Brepols, 1975.
- BLOCH, M. *A sociedade feudal*. Lisboa: edições 70, 1982[1939].
- BLOWERS, P. M. Pity, empathy, and the tragic spectacle of human suffering: exploring the emotional culture of compassion in late ancient Christianity. *Journal of early Christian studies*, v. 18, p. 1–27, 2010.



- BODDICE, R. Pain. In: BARCLAY, K.; STEARNS, P.N. (eds.). *The Routledge History of Emotions in the Modern World*. Londres: Routledge, 2022, p. 77-89.
- BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. *Sensible Moyen Âge*. Une histoire des émotions dans l'occident médiéval. Paris: Seuil, 2015.
- CASTANHO, G. Das palavras se alimenta o historiador: reflexões sobre os usos da semântica histórica no estudo da Idade Média. *Medievalis*, v. 10, 2021, p. 1-15. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/article/view/45446>.
- CLANCHY, Michael T. *From memory to written record: England, 1066-1307*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013.
- COPELAND, R. *Emotion and the History of Rhetoric in the Middle Ages*. Oxford: Oxford Un. Press, 2021.
- Corpus Corporum. Repositorium operum Latinorum apud universitatem Turicensem*. <https://www.mlat.uzh.ch/home>
- DAMÁSIO, António *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- DU CANGE, C. F. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. In: FAVRE, L. (ed.). Paris: Librairie des Sciences et des Arts, 1938 [1678].
- DUMITRESCU, I. A. Beautiful Suffering and the Culpable Narrator in Chaucer's Legend of Good Women. *The Chaucer review*, v. 52, p. 106–123, 2017.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 1967.
- FRANCO JÚNIOR, H. *Em Busca do Paraíso Pedido. As Utopias Medievais*. Cotia/Araçoiaba da Serra: Ateliê Editorial/Mnema, 2021
- GRAHAM, H. Compassionate suffering: somatic selfhood and gendered affect in Italian lamentation imagery. In: KILROY-EWBANK, H. et GRAHAM, L. (orgs.). *Visualizing sensuous suffering and affective pain in early modern Europe and the Spanish Americas*. Leiden: Brill, 2018, p. 82–115.
- GUERREAU, Alain. *Textus chez les auteurs latins du XII<sup>e</sup> siècle*. KUCHENBUCH, Ludolf; KLEINE, Uta (orgs.). *'Textus' im Mittelalter*. Komponenten und Situationen des Wortgebrauchs. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, p. 149-178.

- HACKING, Ian. *The Social Construction of What?* Cambridge: Harvard Univ. Press, 2000.
- IOGNA-PRAT, D. *La maison Dieu. Une histoire monumentale de l'Église au Moyen Âge*. Paris: Seuil, 2006.
- KALAS-WILLIAMS, L. *Margery Kempe's spiritual medicine: suffering, transformation and the life-course*. Cambridge: D. S. Brewer, 2020.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KUTTER, A. Corpus analysis. In: *The Routledge Handbook of Language and Politics*. Londres: Routledge, 2018, p. 169-187.
- LEJEUNE, E.. *Médiévistes et ordinateurs. Organisations collectives, pratiques des sources et conséquences historiographiques (1966-1990)*. Tese de Doutorado em Histoire, Philosophie et Sociologie des sciences. Université de Paris / Université Paris Diderot (Paris 7), 2021.
- MCGILLIVRAY, B. Computational methods for semantic analysis of historical texts. In: SCHUSTER, K.; DUNN, S. (orgs.) *Routledge International Handbook of Research Methods in Digital Humanities*. Londres: Routledge, 2021, p. 261-274.
- MILLIGAN, I. *The Transformation of Historical Research in the Digital Age* (Elements in Historical Theory and Practice). Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- MOWBRAY, D. *Pain and Suffering in Medieval Theology: Academic Debates at the University of Paris in the Thirteenth Century*. Rochester: Boydell & Brewer 2009.
- NIERMEYER, J. F. *Mediae latinitatis lexicon minus*. Leiden: Brill, 1997.
- O'CONNELL, M. The civic theater of suffering: Hans Memling's Passion and late medieval drama. In: SZÖNYI, G. (org.). *European Iconography East and West. Selected Papers of the Szeged International Conference, June 9-12, 1993*. Leiden: Brill, 1996, p. 22-34.
- PHILIPPART DE FOY, C. *Hagiographie et statistique linguistique: étude d'un corpus de traductions médiolatines d'origine grecque*. Tese de Doutorado, Université de Nice, 1965-2019, França, 2008.
- PONTROUÉ, P.-M.; MUSÉE DÉPARTEMENTAL DE L'ABBAYE DE SAINT-RIQUIER. *L'Église, la souffrance et la mort: sculptures du pays de Somme [exposition], Musée départemental de l'abbaye de Saint-Riquier, 15 mai-5 septembre 1993*. Saint-Riquier: Musée départemental de l'abbaye de Saint-Riquier, 1993.

- REDDY, W. *The Navigation of Felling. A Framework for the History of Emotions*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2001.
- REID, D. Towards a social history of suffering: dignity, misery and disrespect. *Social history*, v. 27, p. 343–358, 2002.
- ROBERTSON, S.; MULLEN, L. (orgs.). Arguing with Digital History working group, “Digital History and Argument,” WHITE PAPER, Roy Rosenzweig Center for History and New Media (November 13, 2017). Disponível em: <https://rrchnm.org/argument-white-paper/>.
- ROCHER, D. *Amour et souffrance dans le Tristan de Gottfried de Strasbourg*. In: BUSCHINGER, D. ; SPIEWOK, W. (orgs.) *Perceval - Parzival. Hier et aujourd'hui et autres essais sur la littérature allemande du Moyen Âge et de la Renaissance pour fêter les 95 ans de Jean Fourquet*. Greifswald : Reineke-Verlag 1994, p. 203–206.
- ROFFEY, S. Sanctity and Suffering: The Sacred World of the Medieval Leprosarium. A Perspective from St Mary Magdalen, Winchester. In: LANGLANDS, A. et LAVELLE, R. (orgs.). *The land of the English kin: studies in Wessex and Anglo-Saxon England in Honour of Professor Barbara Yorke*. Leiden: Brill, 2020, p. 538–554.
- ROSENWEIN, Barbara H. *Emotional Communities in the Early Middle Ages*. Ithaca: Cornell Univ. Pr., 2006.
- ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções: problemas e métodos*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ROSS, E. M. *The grief of God: images of the Suffering Jesus in late medieval England*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ROUQUIE, Alain. *Extremo-ocidente: introdução a América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.
- SILVA, Daniele. O corpo e a codificação da emoção: a performance do luto feminino em Parzival de Wolfram von Eschenbach. *Veredas da História*, v. IV, p. 4-29, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48776>.
- SLOTEMAKER, J. T. *Tristis est anima mea: The Suffering of Christ and Humanity in Robert Holcot's Sermon 76*. *Archa verbi*, v. 13, p. 103–134, 2016.
- SOUTO ESPASANDIN, M.; GUTIÉRREZ GARCÍA, S. Contextualización histórica e ideológica de la lírica cortés: el léxico del sufrimiento amoroso y el pensamiento cristiano. *Estudis romànics*, v. 27, p. 147–160, 2005.

TRIGALET, M. Making a Count of Hagiographic Books. Quantitative Aspects of the Production and Dissemination of Latin Hagiographic Literature (2nd–15th Centuries). In: MANIACI, M (org.) *Trends in Statistical Codicology*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2022, p. 87-100. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110743838-004/html>.

VARGAS, Y. *La souffrance animale: regards sur la peinture flamande*. Montceaux-lès-Meaux: Éditions Fiacre, 2016.

WILSON, B. R. *The saving cross of the suffering Christ*. Berlin: De Gruyter, 2016.

ZOMBORY-NAGY, Piroška. ; EL KENZ, D. ; GRÄSSLIN, M. et FRANDON, V. Pour une histoire de la souffrance: expressions, représentations, usages. *Médiévales*, v. 13, n. 27, p. 5–14, 1994. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/medi\\_0751-2708\\_1994\\_num\\_13\\_27\\_1306](https://www.persee.fr/doc/medi_0751-2708_1994_num_13_27_1306).

---

<sup>1</sup> Versões prévias deste texto foram apresentadas em três encontros acadêmicos: *Jornada Emoções na Idade Média: abordagens e historiografias* (2021); *Journée d'études CBMA (Corpus Burgundiae Medii Aevi) – Hagiographie bourguignonne 2.0 – corpus électronique et nouvelles recherches (LAMOP-Paris 1)* (2021); *Formas de renascer, transformar e continuar na antiguidade e medievo: desafios e perspectivas públicas e globais – Vivarium (UFMT), ATRIVM (UFMS) e LEOM (UFPE)*. Agradeço aos participantes de tais encontros pelos debates oferecidos em cada ocasião.

<sup>2</sup> Boddice abordou a questão mais ampla da dor como construto cultural e físico: “...there has never been a thing that we might now call ‘pain’ that has been purely biological, purely mechanical or functional, and separate from an affective experience, however it may have been locally and temporally construed... (...) Humans experience ‘pain’ meaningfully. (...) Pain without meaningful experience is not pain at all, but simply the relation of external stimulus to physiological response.” BODDICE, 2022, p. 78.

<sup>3</sup> “*Irasci enim peccanti ut corrigatur, contristari pro afflictio ut liberetur, timere periclitanti ne pereat*”. Agostinho, *Cidade de Deus* 9,5.

<sup>4</sup> Para um estudo detalhado da tradição emotiva presente na retórica medieval ver a incontornável obra de COPELAND, 2021.

<sup>5</sup> Sobre os impactos, as potencialidades e os limites do emprego de *corpora* informatizados nos estudos históricos em geral ver o importante e fundador artigo coletivo ROBERTSON, S.; MULLEN, L., 2017; ver também o recente e conciso texto de MILLIGAN, 2022. Para um estudo de caso da história das influências das tecnologias computacionais nos estudos medievais, ver: LEJEUNE, 2021. Por fim, sobre a metodologia de buscas por palavras ver: PHILIPPART DE FOY, 2008; KUTTER, 2018; MCGILLIVRAY, 2021; CASTANHO, 2021; TRIGALET, 2022.

<sup>6</sup> O Internet Archive possui algumas imagens da base de dados em outubro de 2021 em sua Wayback Machine: <https://web.archive.org/web/20211020232625/http://mlat.uzh.ch/MLS/>.

<sup>7</sup> Todas as citações latinas da Bíblia são, neste artigo, oriundas da *Vulgata*; todas as citações da Bíblia em português são oriundas da Bíblia de Jerusalém.

<sup>8</sup> A pesquisa foi realizada em 2021, antes da migração da base de dados para a plataforma ProQuest: <https://about.proquest.com/en/products-services/acta/>.

<sup>9</sup> Busca realizada por meio da plataforma Philologic e comparada à versão beta atualizada para TXM disponibilizada em dezembro de 2021 pelos participantes do projeto CBMA. Agradeço aos professores Eliana Magnani e Nicolas Perreux pelo acesso a esse rico material.

<sup>10</sup> Sobre o crescimento da escrita a partir do século XI ver CLANCHY, 2013.

<sup>11</sup> “*Coenobitae autem, audita morte fundatoris ecclesiae suae, nimium contristati sunt, precesque et missae et alia beneficia pro anima ejus Deo, cui vivunt omnia, fideliter obtulerunt, quae successores eorum usque*

---

*hodie ferventer observare satagunt.*” Ordericus Vitalis, *Historia ecclesiastica, Liber Tertius, VIII, Migrationes Normannorum in Apuliam. Primae eorum ibidem sedes. Anchetillus monachus.* In: MIGNE, J.-P. (éd.), *Patrologiae cursus completus seu bibliotheca universalis, integra, uniformis, commoda, oeconomica, omnium ss. patrum, doctorum scriptorumque ecclesiasticorum*, Paris, 1844-1865, 221 vols. (*Series Latina*). De agora em diante PL seguido do número do volume e da coluna onde se encontra a passagem. PL, 188, c.0254B.

<sup>12</sup> “*Sicut charissimus filius noster Guillelmus Aquitanorum dux nos contristavit, cum ecclesiam S. Georgii, quae est in Olerona, cum pertinentiis suis vobis abstulit, et Ebloni de castro Allionis dedit.*” Amatus Burdegalensis, *Ad Goffridum Abbatem Vindocinensem.* PL, 155, c.1642C

<sup>13</sup> “*Litteras sane dilectionis vestrae, quas ad beati apostoli Petri sedem pro vestri causa negotii non solum semel sed et bis et ter misistis, libenter suscepimus, una cum dilecti filii nostri Berengarii regis apicibus; sed de vestris afflictionibus et incommoditatibus, quas vos tanto tempore perpessos lacrymabiliter conquesti estis, non modice contristati sumus, scilicet quod Ecclesia vestra multis attrita calamitatibus, omni pastoralis sit destituta solatio, ex quo Argrinus venerabilis episcopus ab ipsa per subreptionem quorundam recessit Ecclesia: quem omnes concorditer vos elegisse, excepisse et acclamasse testificamini; nullumque post ipsum alium sponte recepisse episcopum, sicut libello vestrae reclamacionis plenius continetur.*” Joannes IX, *Epistola III. Ad clerum et populum lingonensem. Argrinum episcopum iis restituit.* PL, c. 0030D.

<sup>14</sup> “*Quo responso mens devota percepto, indubitata suscipiens optimo ab antistite, et Christi martyre, veritatem, nihil magis prae omnibus curat, quam ut avaritia persequentis, quod de morte sanctorum contristabat Ecclesiam, de praeda Ecclesiae gaudium non haberet.*” Maximus Taurinensis, *Homilia LXXV De eodem natali II.* PL, 57, c.0411B.

<sup>15</sup> “*Homo cunctorum quos nostri saeculi memoria complectitur immanissimus, in Deum etiam blasphemus; ultro quippe gloriari solebat se interfuisse ubi quater viginti monachi pariter cum ecclesia concremati fuerint: idem se in Anglia factitaturum et Deum contristaturum depraedatione Wiltoniensis ecclesiae, etiam subversione Malmesbiriensis, cum monachorum illius loci omnium caede; id se muneris eis repensurum, quod regem ad nocumentum sui admisissent.*” Willelmus Malmesburiensis, *Historiae novellae: De Captione Roberti Filii Huberti.* PL, 179.1419B.

<sup>16</sup> “*Si ergo haec circa laicos constituta sunt, quanto magis nec licet, nec decet episcopum, si nullam gravem habeat necessitatem, nec tam difficilem rationem, diutius abesse ab Ecclesia sua, ut populum contristet.*” *Canones Sardicensis. De episcopis etiam laica communione privandis, qui civitates mutaverunt, XIV.* PL, 56, c.0782A.

<sup>17</sup> “*Quatuor sunt unde conqueruntur infirmi, scilicet de infirmitate, de medicina, de cibo, de ordine. De infirmitate ideo quidam conqueruntur, quia pondus infirmitatis inviti portant. Alii vero sunt qui conqueruntur, eo quod fratrum labori interesse nequeant. De medicina vero quod non subveniatur eis, ut ipsi dicunt, charitate fraterna, quidam conqueruntur. Alii quod dispendium patiat Ecclesia pro infirmitate eorum, contristantur.*” Hugo de Folieto, *De claustro animae, Liber Primus, Cap XII, Quod larga sit infirmis religio.* PL, 176, c.1037D.

<sup>18</sup> “*Et ideo quia nostros nos filios, et praesertim ubi damnum minime sentit Ecclesia, non convenit contristare, his fraternitati tuae mandamus apicibus, ut suprascripto fratri coepiscopoque nostro Basilio et Maximo viro clarissimo, secundum voluntatem praedictorum filiorum nostrorum Cethegi atque Florae gloriosarum personarum, decem libras auri sine tarditate post subditam desuscepto paginam dare debeatis, quatenus dum nulla in accipiendo eis mora provenerit, et illi mandata sibi, ut noverint, utiliter exsequantur, et pars Ecclesiae rationabiliter sit munita.*” Gregorius I, *Epistolae, Liber Decimus, Epistola IX, Ad Joannem Episcopum Syracusanum. Basilio Capuano antistiti, pro Cethego et Flora, auri libras decem per Maximum solvat.* PL, 77, c.1072C.

<sup>19</sup> “*Ita ergo sanctitas vestra provideat, ut neque dilecti filii mei praedicti de relictis suburbanis sibi necessariis contristentur, nec nostra Romana Ecclesia damnum aliquod vel minorem utilitatem in eorum redditum perceptione sustineat.*” Gregorius I, *Epistolae, Liber Duodecimus, Epistola XLIII. Ad Joannem Syracusanum Episcopum. Sic exigendos ait redditus, ut neque contristentur debitores, neque Romana*

*Ecclesia damnnum sustineat.* PL, 77, c.1250A. O documento foi produzido originalmente na virada do século VII (602?). O autor, o interlocutor e o assunto da carta, contudo remontam ao final do século VI.

<sup>20</sup> “*Verum semper isti soli Dei Ecclesiam perturbaverunt et contristaverunt; et nos usque ad istos fletum utique continuimus.*” *Libellus monachorum Agapeto oblatus contra Anthimum...* PL, 66, c.0056A.

<sup>21</sup> “*Habet et istum pessimum, in quo sunt omnes qui universam Dei Ecclesiam conturbant ac divellunt, et conscindere non metuunt. Habet et istos [conservus] qui ejus injurias ferre nequeunt, qui contristantur pro talibus in Ecclesia quae fiunt. Non quod tristitia poenalis ulla cadat in angelos, sed quia eis non placent mala quae fiunt. Propterea contristari valde dicuntur, nec immerito, cum et Dominus irasci dicatur ac gaudere, reliquasque affectiones humanae mentis habere.*” Paschasius Radbertus, *Expositio in Matthaeum, Liber Octavus.* PL, 120, c. 0639B.

<sup>22</sup> “*Illud vero animos nostros afficit, et consacerdotum ac totius ecclesiae contristavit auditus inextricabilis quorundam dissensio, quod et ad correctionem oportet, Domino annuente, perducere, ut non contemptores pontificalium decretorum, sed ut oboedientiae filii ante Deum omnium iudicem conprobemini esse custodes.*” *Vita Wilfridi I episcopi Eboracensis.* LEVISON, W. ; KRVSCH, B. (eds.). *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Merovingicarum, VI. Hannoverae et Lipsiae* 1913, p. 249.

<sup>23</sup> “*Excusationem non habet furor iste, si creditis: non interest quibus itineribus ad mundi principem currat, qui a sancta unitate desciscit: pingues hostias litat diabolo, qui contristat Ecclesiam. Vanas ergo repudiate tendiculas: simplicem habet defensionem pacis affectus: nimis armatus est, qui illa quae adversarius concordiae ministrat, tela contemnit: sufficit contra omnia jacula jurgiorum fidei nuda oppositio.*” *Magnus Felix Ennodius, Libellus apologeticus pro synodo.* PL, 63 c. 0202C. Texto retomado em *Isidorus Mercator, Collectio decretalium*, coleção de decretais posteriormente identificadas como sendo falsas em sua maioria. PL, 130, c.1018B

<sup>24</sup> “*Quod cum senex ignoraret, pulsaretque praefectus canonis lignum, quod fratres convenientes mortuum efferrent, ut vidit senex cadaver in ecclesiae medio jacere, contristatus est valde, quod non illum salutasset priusquam migraret e saeculo.*” *Joannes Moschus, Pratum spirituale Caput XI, Vita abbatis Agioduli.* PL, 74, c.0127A.

<sup>25</sup> “*Plures sunt de quorum perditione nimium contristor; illos dico qui, venientes ad ecclesiam, magis litigare cupiunt quam orare, et quando lectiones divinas debent in ecclesia intentis auribus et tota pietate suscipere, tunc foris causas dicere, et diversis [se] student calumniis impugnare.*” *Jonas Aurelianus, De institutione laicali, Liber Primus, Caput XIII.* PL, 106, c.0148C.

<sup>26</sup> “*Similiter dum adhuc Dominicum corpus habemus quasi in ore, et ira Dei ascendit super nos et occidit pingues, id est, superbos et indigne Dominicum corpus sumentes, excaecatione mentis percutit. Vel dum sapientia magna sumus refecti, quoniam inde superbimus, occidit nos Dominus interius: et electi Israel, id est, viri et praelati nostri contristantur in Ecclesia.*” *Haymo Halberstatensis, Commentaria in Psalmos. LXXVII. Titulus: Intellectus Asaph.* PL, 116, c.0461D.

<sup>27</sup> “*Hoc vere congruit et vis ipsa significationis exposcit, ut sicut praeteritis noctibus exstincta luminaria faciem Ecclesiae contristaverunt, sic eadem nocte hac cereus illuminatus jugi flammae tripudiantis jubare laetificet.*” *Rupertus Tuitiensis, De divinis officiis, Liber Sextus, Caput XXVIII De cereo.* PL, 170, c.0171B.

<sup>28</sup> “*Qui sic Deo satisfecerit, qui poenitentia facti sui, qui pudore delicti, plus et virtutis et fidei de ipso lapsus sui dolore conceperit, exauditus et adjutus a Domino, quam contristaverat, nuper laetam faciet Ecclesiam; nec jam solam Dei veniam merebitur, sed et coronam.*” *Cyprianus Carthaginensis, De lapsis, XXXVI.* PL, 4, c.0494B.

<sup>29</sup> “*Sed nec illud praetereundum est, quod fida relatione cujusdam ex sociis et principibus exsiliis ipsius accipi, qui ita gestum esse, ut retulit, oculata fide se comprehendisse, Deum et reliquias ipsius martyris in Ecclesia, quam passione sua contristavit, et sepultura veneratur, nobis quamplurimis testatus est.*” *Passio II S. Thomae Cantuariensis.* PL. 190, c. 0339B.

<sup>30</sup> “*Accepit autem, cum didicit corrigere se velle, quos arguebat, ut per poenitentiam se reformarent: dat autem, dum eos revocat ad Ecclesiam; ne diu contristati desperarent de se, et ad publicam et funestam vitam declinarent.*” *Ambrosiaster, Commentaria in Epistolam ad Corinthios Secundam, Caput VII.* PL, 17, c.0306C.

<sup>31</sup> “*Et haeretici contristantur, atque omnes inimici Ecclesiae, quoties electos quosque pro catholica fide vel correctione morum, quibus Ecclesiae muri renoventur, laborare conspiciunt.*” *Beda, Allegorica expositio in Esdram et Nehemiam, Liber tertius, Caput XVI, Nehemias, accepta licentia et epistolis regis, venit Jerusalem aedificare civitatem; a quo anno supputantur septuaginta hebdomades annorum quas praedixit angelus Danieli, et pertingunt ad tempus passionis Domini.* PL, 91, c.0886A. “*Qui accepta fidei mysteria bene servat, laetificat Deum Patrem; qui vero haec actione mala vel haeresi commaculat, matrem contristat Ecclesiam.*” *Beda, Allegorica expositio in Parabolas Salomonis, Liber Secundus, Caput X.* PL,

91, c.0967D. A passagem reaparece em *Anselmus Laudunensis, Glossa ordinaria, Liber Proverbiorum, PL, 113, c.1092C* (a *Glossa ordinaria*, sendo obra produzida ao longo de décadas, possivelmente iniciada no século XI, mas concluída no século seguinte, optou-se, aqui, por considerar o século XII como datação aproximada para a obra) e em *Rabanus Maurus, Expositio in Proverbia Salomonis, PL, 111, c. 0711D*. Ver também: “*Ille qui accepta fidei ac baptismatis mysteria bene servat et opere implet, filius sapiens est; ille procul dubio laetificat Deum Patrem: qui vero accepta fidei ac baptismatis sacramenta, malis operibus vel haeretica pravitate corrumpit, filius stultus est; hic nimirum est moestitia matri suae, videlicet Ecclesiae, quia contristat eam.*” *Salonius Viennensis, Expositio mystica in Parabolas Salomoni: Interlocutores Veranus et Salonius. PL, 53, c.0974D*. E: “*Ille qui accepta fidei ac baptismatis mysteria bene servat, et opere implet, filius sapiens est; iste procul dubio laetificat Deum Patrem. Qui vero accepta fidei ac baptismatis mysteria, malis operibus vel haeretica pravitate corrumpit, filius stultus est; hic nimirum moestitia est matris suae, sanctae videlicet Ecclesiae, quia contristat eam.*” *Honorius Augustodunensis, Quaestiones in Proverbia et Ecclesiasten. PL, 172, 0317B*.

<sup>32</sup> “*Gratuita igitur crudelitate, nulla necessitate (quamvis et aliae causae, quas suspicamur, nec opus est committere litteris, forsitan fuerint), atrociter contristavit Ecclesiam.*” *Augustinus Hipponensis, Epistola 151, Domino merito illustri, e debito a me honore dignissimo filio Caeciliano... PL, 33, c.0651*. E “*in qua enim mundi parte immanitatis hujus invidia non et catholicas contristat Ecclesias, et haeticorum prava vota laetificat?*” *Hormisdas I, Epistola LXXIII ad Dorotheum thessalonicensem episcopum... PL, 63, c.0500C*.

<sup>33</sup> “*Dedisti nescio quid auri et argenti; ventum est ad hunc articulum, ut nisi perdas, forte aliquod peccatum committas, injuriam forte ingeras Ecclesiae, blasphemare cogaris: posito itaque in angustiis, aut damno pecuniae, aut damno justitiae, dicitur tibi, Perde potius pecuniam, ne perdas justitiam: tu autem cui non dulcis est in ore justitia, sed adhuc in illis membris infirmus es, quales in ventre deputat Ecclesia, contristatus eligis aliquando amittere aliquid de justitia, quam vel nummum de pecunia; et percutis te damno graviore, implens saccellum tuum, et exinaniens cor tuum.*” *Augustinus Hipponensis, In Psalmum XLIII Enarratio. Sermo Ad Plebem, 25. PL, 36, c.0492*.

<sup>34</sup> “*Hi vero qui prius cum eo contristati fuerant, hactenus ab Ecclesia segregantur.*” *Cassiodorus, Historia tripartita, Liber Sextus, Caput XXXIII Quia Eusebius veniens Antiochiam propter Paulinum, et divisum videns populum fuerit indignatus. PL, 69, c.1046A*.

<sup>35</sup> “*Videntes autem conservi ejus, scilicet praedicatores Evangelii, quae fiebant, persecutionem Christianae Ecclesiae a Judaeis illatam, contristati sunt, et compatiendo venerunt et narraverunt domino suo, implorantes auxilium contra dolum persecutorum.*” *Anselmus Laudunensis, Enarrationes in Matthaeum. Caput XVIII. PL, 162, c.1410D*.

<sup>36</sup> “*Illud vero publice contristat Ecclesiam, populique murmur excitat, nec mediocriter militat in dispendium vestrae opinionis, quod in tanto discrimine, in tot lacrymis, in tot provinciarum supplicationibus, nec unum nuntium ad principes illos a vestro latere destinastis.*” *Aleonorae reginae Anglorum ad Coelestinum Pontificis opem implorat pro liberatione Richardi regis Anglorum, filii sui. PL, 206, c.1264B*.

<sup>37</sup> “*Sive ad illius temporis statum respicias quo decem tribus in Assyrios translatae sunt, sive ad illius quo Judaei Romanorum gladiis excisi sunt, vera est utrobique similitudo; quia proinde haec passi sunt, quod et priores illi prophetas occiderunt, et juniores isti Christum et apostolos interfecerunt; et hoc faciendo matrem super filiis alliserunt, id est Ecclesiam Dei graviter contristaverunt.*” *Rupertus Tuitiensis, Commentaria in duodecim prophetas minores, Liber Quintus. PL, 168, c.0169C*.

<sup>38</sup> Expressão inspirada a partir da abordagem crítica de BODDICE, 2022, p. 85: “The risk, made more acute by a blooming ‘science’ of empathy that has situated and even ‘hardwired’ this quality in the brain, is that cultural conventions for authenticating, invalidating, acting upon, and failing to act upon other people’s (or other beings’) suffering are naturalised, when in fact the evidence points to their cultural-historical qualities.”